Henrique Castriciano

Seleta

textos e poesias

volume 2

Organização

José Geraldo de Albuquerque

Henrique Castriciano — Seleta textos e poesias · volume 2

1994

Natal: RN
Econômico, 1994

Ozildo
Patos - PB
19-01-07

IMPRESSÕES SOBRE O 1º VOLUME

Cena Urbana

Vicente Serejo
Diário de Natal
28 de setembro de 1993

A diretora da Escola Doméstica, professora Noilde Ramalho, provou que a parceria na área cultural é possível. Foi ela que articulou o apoio do Banco Real para a edição da seleta que reúne a obra fundamental de Henrique Castriciano de Souza, fundador da ED, lançada quando da inauguração do Espaço Luz, a nova realização de Noilde para abrigar a biblioteca do complexo educacional, além de galeria de arte. O professor José Geraldo foi o pesquisador e organizador da Seleta, que reúne não apenas a produção poética, como a sua colaboração em jornais, com a providencial identificação dos principais pseudônimos que usou na vida literária da provincia. Um livro muito importante.

Vicente Serejo é jornalista

Presença do doutor Henrique

Otto Guerra
Tribuna do Norte
10 de outubro de 1993

A Escola Doméstica de Natal, por sua diretora Noilde Pessoa Ramalho, acaba de presentear-nos com excelente seleta de textos, em prosa e verso, do seu fundador, Henrique Castriciano de Souza. Dela encarregou-se o professor da instituição, José Geraldo de Al-

buquerque, também da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, mestre em História pela UF de Pernambuco e sócio do nosso Instituto Histórico e Geográfico.

Já vinha o professor Geraldo estudando o fundador da Escola, tendo em 1980 apresentado uma dissertação a seu respeito, para obtenção do grau de Mestre na Universidade pernambucana, vendo-o como um"**reformador social**".

Conheci pessoalmente o dr. Henrique (Assim era tratado) seja pelo seu trato com minha irmã Santa, ex-aluna e ex-diretora da Escola, seja por suas visitas ao meu pai. Eu ainda cursava o Atheneu e gostava de escutar a conversa dos dois. Versava sobre a Escola Doméstica, problemas do Estado e do Brasil.

Mas tarde, já eu redator-chefe do diário católico **A ORDEM**, dele recebi estimulos e sugestões. Achava o dr. Henrique (doce engano) que se o jornal se voltasse, de maneira especial, para os problemas do mundo rural e em defesa do seu povo, garantiria a estabilidade financeira, pelo apoio recebido. Como se o nosso povo estivesse tão esclarecido, a ponto de apoiar em massa um jornal... Também convivi com ele na Academia Norte-Riograndense de Letras, da qual foi o primeiro presidente.

Li com atenção a Antologia ora publicada e alguns tópicos me chamaram atenção especial. Por exemplo, sua posição religiosa, sua maneira de encarar o papel da mulher, mesmo antes da viagem à Suiça. Também suas análises relativas aos problemas sociais e econômicos do Estado, à nossa literatura, afora outros.

Luis da Câmara Cascudo dele ocupou-se com maestria no livro - Nosso "**Amigo**" (Castriciano Imprensa Universitária, Recife, 1965), dedicando o capitulo 10 ao **Henrique** religioso.

Ainda menino órfão de pai e mãe, o fato repercutiria, naturalmente, na sua vida inteira. Inclusive quanto ao conteúdo religioso. Fora educado no Recife em colégios onde a religião não aparecia. Era o dominante agnosticismo, que também alcancei na escola primária e secundária. Mas o dr. Henrique mantinha respeitosa admiração pela ação do catolicismo entre nós e no mundo. Embora criticando o estilo dos sermões e a falta de aproximação com o povo.

Veja-se, por exemplo, seu elogio ao Colégio Imaculada Conceição das Dorotéas, em Natal e à educação religiosa ministrada. Em

consonância com a mentalidade tão comum aos intelectuais de então, escreve: não convém de modo algum tentar por enquanto outra educação a não ser a católica, em se tratando de meninas e de mulheres. E mais adiante: não convém alterar-lhe (na mulher) a crença com anárquicos e pedantescos racionalismos (...) pôr-lhe na alma o que já dá de sobra no homem - a dúvida, a descrença, a insaciedade intelectual.

Rememorando impressões da infância, demonstra especial atrativo pelos meses de Maio (dedicação a Maria) e Dezembro (Natal de Jesus) e proclama: o povo sabe que nada substitui a fé e não são os grandes compêndios que consolam. Na crônica "Semana Santa", refere-se à presença de Cristo no mundo, o "eterno redivido", cuja doutrina "paira sobre nós", tornando-se o companheiro do homem em todas as épocas da vida".

Quanto à mulher, destaca seu decisivo papel social, mesmo antes de ter viajado à Suíça e Bélgica, onde viu de perto o milagre do ensino doméstico, dando formação integral à mulher, intelectual e social inclusive, mas também ensinando-a ser a dona de casa, mãe de familia. Formação que a torna a grande incentivadora da politica social.

Pena é não caberem aqui suas observações sobre as secas, êxodo para a Amazônia, nossos vales úmidos, nossos costumes, nossa literatura. Se quisermos avaliar, com mais segurança, a amplitude da sua lúcida visão, nada melhor do que analisar os 17 temas do seu programa de Educação Social, por ele ministrado na Escola Doméstica. Trata da formação da sociedade brasileira, desde a Colônia, ensino doméstico papel da mulher no Brasil - agente da civilização, associativismo feminino, condição da mulher das classes pobres e da burguesia, vida urbana e rural, saneamento rural, arte e culto às tradições, alcoolismo, feminismo na Europa, pequenas indústrias caseiras, mulher e criança, cozinhas populares, empregados domésticos, proletariado feminino, missão da Escola Doméstica.

Otto Guerra é professor emérito de direito da UFRN e líder católico influente.

Um registro imprescindível

João Maria Furtado
Tribuna do Norte
16 de janeiro de 1994

Há alguns dias já, recebi, como um valiosissimo presente, uma publicação sob o título HENRIQUE CASTRICIANO - SELETA - TEXTOS E POESIAS - livro organizado por José Geraldo de Albuquerque, que, nesse trabalho, feito com paciência beneditina, se revela uma espontânea e brilhante vocação de pesquisador.

O volume se compõe de 413 páginas, compreendendo 137 textos que foram compilados de diversas publicações, sendo os primeiros extraídos do próprio arquivo da Escola Doméstica - a mais consagradora das obras do autor - e que lhe veio a imortalizar o nome, perpetuando-o para sempre e os demais encontrados em publicações diversas que vão de 1892 a 1938 com as respectivas datas, a ortografia da época e os diversos pseudônimos usados pelo escritor. E tudo, afinal, concluido numa NOTA EXPLICATIVA, com sintese sucinta e perfeita nestes termos:

"Este é a herança que Henrique Castriciano de Souza, vice-Governador e Secretário de Estado, escritor, poeta e educador, tantas vezes ouvido nos altos conselhos do Estado, nos deixa como lição e exemplo".

A organização dessa compilação é uma obra de valor desassistida inteiramente das igrejinhas jornalísticas e literárias da provincia e permanece, desse modo, num verdeiro anonimato e, no entanto, o currículo pessoal do autor ostenta os honrosos títulos de Professor Adjunto IV, da UFRN, Mestre em História pela UFPE, Sócio Efetivo do IHGRN. E para mim, além de tudo isso, se trata de uma relação de amizade das mais antigas, entrelaçada com minhas velhas ligações afetivas com o saudoso Manuel Pereira dos Santos de que é genro.

Chegado ao meu poder o livro com uma honrosa dedicatória, apenas o folheei, de oitiva, deixando-o para uma leitura aprofundada quando do meu próximo veraneio em Muriú. Mas essa apenas aligeirada compilação do livro me trouxe viva a recordação da figura de Henrique Castriciano de Souza como se me deparou nos longes tempos de minha mocidade estudantil muitas vezes em encontros de rua e na fase em que me senti com veleidades jornalísticas, trabalhando durante quatro anos, de 1924 a 1928 como Auxiliar de Redação (Repórter) da Imprensa Estadual (A República). Então Henrique Castriciano era uma personagem encontradiça nas ruas de Natal e se fazia inconfundível em sua figura gorducha necessariamente antipática. Mas era considerado como entendeu Câmara Cascudo o príncipe de nossos poetas, menor, no entanto, como penso que sua irmã Auta de Souza, o solitário Lourival Açucena ou Ferreira Itajubá...

Fica o registro do formidável trabalho do inconfundível tarefeiro intelectual José geraldo de Albuquerque para quem este registro é muito bem merecido.

João Maria Furtado é advogado, desembargador aposentado do Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Norte

SONHO AZUL

ROSA ROMARIZ
"A REPUBLICA"
17/12/1902

A LESBIA FALCÃO

Bem vês sinto-me triste e sinto-me descrente
Si não posso gozar-te a doce companhia...
Orphã da grande luz do teu olhar ardente
Que ardente o coração ressuscitou-me um dia.

Ah! como eu poderei apaixonadamente,
Entre beijos, dizer-te a dor que me crucia?
Si o mundo, este Protheu, gargalha ironicamente
Dos que morrem de amor e vivem da Poesia!

Que escarneçam de mim almas ferinas, loucas,
Na flor dos labios seus não bailarão sequer
Os segredos gentis das nossas roseas boccas.

Não macula o crystal o atomo de lodo.
Sejas Tasso, Camões, Dante, Milton, Voltaire
Quero ver-te beijar meu corpo, todo, todo!...

SEGUNDO WANDERLEY

H. CASTRICIANO
GONDOLAS - Bibliotheca do Congresso Litterario - Typographia d'O SECULO
NATAL, 1903.

Ha mulheres cuja formusura só pode ser destruida pela morte...

Na mocidade, em pleno sonho e em plena primavera, encantaram e deslumbraram. Depois, chegado o outomno da vida, fica-lhes no rosto, no perfil, nos gestos cançados e languidos, um não sei que de espiritual e doce que não é outra coisa senão uma das faces da belleza...

A musa de Segundo Wanderley recorda-nos uma d'essas mulheres. Ao seu lado a gente sente-se bem e de coração lamenta que ella não tenha começado pelo outomno porque os annos não lhe affeiaram os traços esculpturaes, deram-lhe, pelo contrario, um relevo, mais nobre, mais original, mais correto. Ella perdeu as galas selvagens da irrequieta puberdade, as falsas louçanias do gongorismo farfalhante, a mal dissimulada imitação das antitheses com que o glorioso velho das "Comtemplações" inutilisou, sem querer, toda uma geração de latinos phantasistas e amigos da phrase hyberbolica e vasia.

Deixou a roupagem das decimas estridulantes ao gosto de Castro Alves e apparece-nos calma e serena dentre dos moldes classicos do soneto, cantando o amor, a piedade, a vida, a natureza.

Segundo é, positivamente, um exemplo de quanto pode o meio sobre uma dada organisação artistica. Enthusiasta em extremo, impressionavel como ninguem, dotado de um excellente coração, deixou-se levar durante largos annos pela corrente dominante entre nós e não procurou libertar-se da estylistica romantico-socialista iniciada na França por Victor Hugo e transplantada para o Brasil por Tobias Barreto, José Bonifácio, Castro Alves e outros...

Elle sabia que na capital natalense e que geralmente se apreciava e se aprecia é o verso e a prosa campanuda, inchada como um

ventre hydropico, fedendo a moral de sacristia e trovejando anathemas contra tudo o que é novo. Cada estrophe e cada periodo deve ter pelo menos uma dez vezes as palavras "virtude, honra, igualdade, liberdade, fraternidade, 14 de julho, revolução franceza, primeiro amor, os dedos rosados da aurora e as garras inexoraveis da cruel Parca".

Nos dramas deve haver infallivelmente um sedoso galan e uma donzella "pura como as roupagens virginaes da innocencia" requestada por um gatuno e apaixonada de um plebeu que vem a casar-se fatalmente com ella (pois sim!), sendo o gatuno ferido pelo "dedo da providencia" que, no fim do ultimo acto, surge na porta do fundo transformado n'um assassino ou em tres ou quatro soldados de policia...

Chamado para recitar deante do nosso publico o poeta, que o conhece, perfeitamente bem, recorria às tardias decimas hugoanas, não porque lhe faltasse talento - elle é o mais expontaneo dos poetas norte-riograndense - mas porque sabia que só isso correspondia e corresponde ao paladar estragado da maioria dos que, entre nós, encarregavam-se de fazer a critica verbal das producções indigenas.

Felizmente, depois do advento do regimen federativo, cuja salutar influencia n'este Estado, não se fez somente sentir em relação a vida material mas, e principalmente talvez, em relação à vida intellectual, surgiu uma corajosa legião de moços que indifferentes ao riso ironico dos misoneistas, trouxeram o nosso meio os moldes da Arte Nova.

Segundo Wanderley, comquanto de vez em quando commetta o peccado mortal de escrever dramas exclusivamente feitos para agradar à platéa, não se deixou ficar atrás relativamente ao verso e acaba de publicar o "GONDOLAS", que não parece um livro de poeta affeito às inspirações do condoreirismo. Prova isso que o seu talento é real e dotado da invejavel flexibilidade das intelligencias lucidas, capazes de sentir e de dizer as emoções dos que vem tomar parte nas luctas eternas do pensamento humano.

Penna é, entretanto, que o glorioso poeta não tenha tido um pouco mais de paciencia e não tenha burilado com um pouco mais de carinho algumas estrophes do seu formoso livro. À página 28 ha dois versos assim:

"Onde teu pae? Stá preso na cadeia"

....

"P'ra minha irmã... que a outra que ella tinha"

....

A ultima pagina tem um verso que nos pareceu correcto:
"Na gondola rosicler da excelsa phantasia".

E, de quando em quando, n'esse delicioso escrinio de riquissimas joias apparece-nos uma poesia falsa que não deixaria de bulir com os nervos de um parnasiano requintado, principalmente porque surge entre os esplendores de innumeras joias verdadeiras.

Abrindo o livro ao accaso deparamos esse magnifico soneto:

NO BARCO

N'uma concha de anil, clara e polida,
Emerge o sol os pincaros dourando
À terra em flor prodigamente dando
Hostia de luz, a comunhão da vida.

Sirius desmaia na sideria ermida,
E nos mangues que o rio vae beijando
Vê-se uma garça esbelta meditando
Na placidez das aguas reflectida.

Scinde o batel as vagas argentadas,
Ora calmo dos remos ao compasso,
Ora a fugir aos uivos das rajadas.

E Deus, na forma de purpureo raio,
Entornava das nuvens no regaço
As rosas todas das manhãs de Maio.

Como estas, são quasi todas as estrophes do "GONDOLAS", que, estamos certos, não será a ultima obra de Segundo Wanderley, a quem enviamos os mais sinceros parabens.

Gazeta do Commercio, 27.01.1903